Pesquisa “O Valor da Cultura”

Relatório Preliminar

People’s Palace Projects do Brasil

Observatório Itaú Cultural

São Paulo, Agosto de 2019.

(Versão interna. Não divulgar)

**Sumário**

[**1.** **Introdução** 2](#_Toc15972334)

[**2.** **Metodologia** 3](#_Toc15972335)

[2.1 Proposta metodológica 3](#_Toc15972336)

[2.2 Organização da pesquisa junto aos projetos parceiros 4](#_Toc15972337)

[**3.** **Questões conceituais** 6](#_Toc15972338)

[**4.** **Resultados** 9](#_Toc15972339)

[4.1 Editora e Gráfica Heliópolis 9](#_Toc15972340)

[4.2 Grupo Ninho 19](#_Toc15972341)

[4.3 Hip Hop Caboclo 25](#_Toc15972342)

[4.4 Verdevez 30](#_Toc15972343)

[4.5 Retratistas do Morro 34](#_Toc15972344)

[**5.** **Anexos: instrumentos de pesquisa** **Erro! Indicador não definido.**](#_Toc15972345)

# **Introdução**

“*Cultura é a vida né, tudo que o homem cria e isso move a vida.*”

Entrevistada[[1]](#footnote-1) do projeto Retratistas do Morro

Qual é o valor da cultura? De que forma esse valor é definido, mensurado, e que histórias podemos contar a partir dele? Essas são algumas das perguntas que deram início ao debate que provocou a realização da pesquisa “Valor da Cultura: Rumo a uma nova narrativa”[[2]](#footnote-2), realizada em parceria pelo Observatório do Itaú Cultural e pelos professores Paul Heritage e Leandro Valiati (People’s Palace Projects do Brasil).

Ao se propor a repensar as estruturas tracionais de mensuração do valor, utilizando referências dos campos social, artístico e econômico, a pesquisa procura identificar e compreender as diferentes formas pelas quais a cultura é capaz de transformar os indivíduos e contextos em seu entorno, a partir de diferentes práticas e manifestações do campo cultural. Neste estudo, o agente cultural - seja ele produtor, gestor ou artista - não é objeto da pesquisa, mas sim parceiro na construção do conhecimento sobre a sua prática.

O principal objetivo desta pesquisa é contribuir para a criação de uma narrativa que demonstre o valor da cultura para além de medidas exclusivamente econômicas ou quantitativas, de modo a incorporar outras dimensões nas quais a cultura é capaz de alterar de forma significativa aqueles que estão envolvidos com ela, seja enquanto seus realizadores ou consumidores. Para isso, buscamos articular a dimensão prática com a da pesquisa, incentivando e possibilitando que indivíduos atuantes no campo da cultura assumam um papel protagonista na discussão deste valor.

Assim, a pesquisa foi co-criada em conjunto a cinco projetos selecionados pelo edital Rumos, do Itaú Cultural: Editora e Gráfica Heliópolis (São Paulo, SP), Grupo Ninho (Crato, CE), Hip Hop Caboclo (São Paulo, SP), Verdevez (Teresina, PI) e Retratistas do Morro (Belo Horizonte, MG). A escolha dos projetos foi realizada pela equipe de pesquisadores e do Observatório, junto aos gerentes do programa Rumos.

Neste relatório, trazemos um primeiro olhar sobre os dados coletados junto aos projetos, que compõem um dos eixos da pesquisa. A partir das discussões e do retorno proporcionados pelo contato com as informações agora sistematizadas, a análise será aprofundada e ajustada conforme a demanda dos projetos, seguindo a lógica de co-criação da pesquisa.

Além desta breve introdução, o relatório é formado por seções que abordam a metodologia e a base conceitual da pesquisa. Após, são apresentados os resultados organizados por projeto. Em seguida, destacamos as principais tendências de cada dimensão abordada. Por fim, anexamos os instrumentos de coleta de dados desenvolvidos para cada um dos projetos parceiros.

Boa leitura!

# **Metodologia**

## 2.1 Proposta metodológica

Para compreender os efeitos que as práticas culturais proporcionadas pelos projetos selecionados geram nos indivíduos, é preciso levar em consideração os contextos próprios de cada um, incluindo o local e forma de atuação. Com isso em mente, sugerimos uma abordagem que procura incluir e sistematizar dados referentes a estes três tópicos: contexto, atuação e impactos.

* Eixo I: Contexto

Com foco no território, utiliza estatísticas (dados secundários) socioeconômicas para um panorama dos territórios com que o projeto se relaciona. São utilizados dois grupos de dados: i) caracterização socioeconômica, representada por informações como esperança de vida ao nascer, renda per capita, índice de GINI e escolaridade; e ii) dimensões específicas apontadas por cada projeto, que julgam essenciais para a caracterização do território em que atuam – como, por exemplo, dados sobre produção e equipamentos culturais. Os dados foram coletados para a dimensão geográfica territorial definida pela equipe dos projetos.

* Eixo II: Atuação

Este eixo busca reunir informações sobre a atuação do grupo que desenvolve o projeto, reconhecendo que diferentes projetos terão diferentes dinâmicas de funcionamento, objetivos e relações com seu público e participantes. A reunião destes dados auxilia a compreensão da relação entre a entrega da experiência cultural e os impactos atingidos, em um segundo momento da análise. Para obter esses dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a equipe de cada projeto.

* Eixo III: Impactos

O terceiro eixo de análise busca captar os impactos das práticas culturais, isto é, os resultados mais duradouros gerados pela transformação da realidade social[[3]](#footnote-3) proporcionada pelos projetos. A unidade de análise para esse eixo é a experiência do participante do projeto, seja ele público de uma peça, visitante de uma exposição ou escritor que teve livro publicado. Utilizamos ainda informações de pessoas que tiveram diferentes relações com o projeto, seja participando da equipe do mesmo, ou tendo contato dentro do campo profissional/artístico.

Para cada projeto, foi definida uma estratégia própria de delimitação do público que participaria da pesquisa, sofrendo adaptações quando necessárias. Estas informações estão presentes na tabela que encerra a seção. As dimensões consideradas nesse eixo, foco do presente relatório, estão descritas na seção 3. Já os instrumentos utilizados para a coleta de dados podem ser encontrados na seção 5.

## 2.2 Organização da pesquisa junto aos projetos parceiros

A proposta da pesquisa realizada consiste em co-criar, em conjunto aos projetos selecionados, os conteúdos, estratégias e abordagem para análise dos efeitos que a cultura gera junto aos indivíduos que experienciam as práticas culturais. Isto se insere em uma discussão mais ampla do valor da cultura, já iniciada pela equipe de pesquisadores em estudos anteriores.

Para isso, a pesquisa perpassou as seguintes etapas:

1. Reuniões colaborativas presenciais

O início da pesquisa junto aos projetos ocorreu por meio de visita com 2 a 4 dias de duração. Neste período, foram realizadas sessões de trabalho para apresentação da metodologia do estudo, construção conjunta de indicadores e visita a locais relevantes para o projeto, definidos pelos proponentes.

1. Preparação para coleta de dados: elaboração de instrumento e plano de aplicação

Após a visita presencial, a equipe de pesquisadores elaborou estratégias de coleta de dados incluindo abordagens quantitativas (aplicação de questionários, online ou em papel) e qualitativas (entrevistas semiestruturadas gravadas em áudio). As amostras[[4]](#footnote-4) para a pesquisa, os prazos e os formatos das coletas de dados foram definidos conjuntamente e ajustados em reuniões de acompanhamento via Skype, e constam em tabela no final desta seção.

As estratégias para a coleta de dados foram customizadas para cada projeto, respeitando especificidades dos projetos, tais como o tipo de público, relação entre público participante e o projeto e o tipo de experiência cultural/artística proposta. A definição do instrumento sofreu processo semelhante, orientada pelas características do público – idade, local de residência, escolaridade, profissão etc. Buscou-se definir o instrumento de modo a aproveitar da melhor forma possível a riqueza de informações de cada grupo participante.

1. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada pelos projetos parceiros, responsáveis por organizar tempo e recursos para aplicar os questionários e garantir suas respostas. Estes também foram responsáveis por assegurar o envio dos dados coletados presencialmente para a equipe de pesquisadores – dados coletados online eram enviados simultaneamente.

1. Análise final

A partir da coleta e sistematização dos dados, a equipe de pesquisadores oferecerá um primeiro olhar sobre os resultados obtidos. A partir da troca com os projetos parceiros, a análise dos dados será aprofundada e ampliada.

Tabela 1 – Estratégias de coleta de dados para cada projeto

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Projeto** | **Questionário** | **Público-alvo** | **Formato** | **Total de respostas** |
| **Editora e Gráfica Heliópolis** | 1 | Escritores, equipe, produtores/gestores, organizadores palestra | Papel + online | 59 |
| 2 | Participantes rodas de conversa, clubes de leitura e slam | Papel | 21 |
| **Hip Hop Caboclo** | 1 | Artistas que tem relação/trabalham com Gaspar e João | Papel +online | 47 |
| 2 | Produtores locais | Online | 9 |
| **Grupo Ninho** | 1 | Representantes das escolas, net, carpintaria, outros grupos, professores curso, artistas | Papel + online | 118 |
| 2 | Mestres da cultura popular | Áudio | 2 |
| Mini-entrevistas | Espectadores espetáculo POEIRA em POA | Áudio | 21 |
| **Retratistas do Morro** | 1 | Moradores Comunidade da Serra | Áudio | 33 |
| 2 | Equipe do projeto e pessoas relacionadas | Online | 16 |
| **VerdeVez** | 1 | Artistas residentes e demais relacionados ao campo | Online | 12 |
| 2 | Moradores Boa Esperança | Áudio | 14 |
| Mini-entrevistas | Visitantes da exposição | Papel | 30 |

# **Questões conceituais**

Dois paradigmas parecem orientar a discussão sobre o valor da cultura na cultura na atualidade. Por um lado, há a perspectiva que destaca o valor intrínseco destas práticas, que remete ao valor essencial das práticas culturais e aos efeitos subjetivos que são capazes de gerar nos indivíduos que as experienciam. De outro lado, há a ótica que enfatiza os valores instrumentais destas mesmas práticas culturais, isto é, entendendo-as como um meio para se alcançar objetivos específicos sociais ou econômicos, tais como inclusão social, emprego, saúde etc.[[5]](#footnote-5). Neste cenário, ganhou espaço o debate sobre a economia criativa, promovendo o olhar sobre a contribuição que os setores chamados culturais e criativos produzem para o desenvolvimento social e econômico dos países[[6]](#footnote-6).

Nesta pesquisa, buscamos conciliar ambas as visões, sugerindo uma nova abordagem. Por meio da coleta de dados junto aos participantes e/ou público relacionado a cada projeto, conduzimos nosso foco aos impactos que as práticas artísticas e culturais são capazes de gerar nestes indivíduos. Este processo constituiu o Eixo III da pesquisa, conforme abordado na seção anterior.

Para isso, utilizamos indicadores, ferramenta que permite quantificar conceitos abstratos através de evidências da realidade social[[7]](#footnote-7), atentando para a importância de que estas quantificações estejam inseridas dentro do contexto de cada projeto e reconhecendo a importância das pessoas participantes e de suas trajetórias.

É possível identificar uma série de dimensões individuais sobre as quais as práticas culturais geram impacto. A partir de análise da literatura relacionada, reunimos as consideradas mais relevantes dados os objetivos da pesquisa e as características dos projetos selecionados. Seguindo a proposta de cocriação da pesquisa, as reuniões colaborativas realizadas junto aos proponentes dos projetos selecionados informaram o desenho e definição destas dimensões, posteriormente estabelecidas como segue:

* Acesso à cultura

A importância da formação de públicos é questão central para a ideia de democracia cultural, que busca proporcionar “o acesso, fruição, produção e distribuição da cultura por todos os cidadãos”[[8]](#footnote-8), compreendendo a ação cultural a partir da pequena escala[[9]](#footnote-9). Reside aqui uma proposta de dinamização da cultura local com base em suas próprias práticas, respeitando as referências das diferentes comunidades[[10]](#footnote-10) e suas trajetórias e incentivando a diversidade cultural. A dimensão foi incorporada à pesquisa na medida em que os projetos selecionados inserem-se neste cenário, ampliando o acesso e os significados de cultura junto a grupos sociais por vezes marginalizados e/ou excluídos dos circuitos tradicionais de consumo cultural.

Nesta dimensão, os indicadores estão relacionados a características dos participantes, e também a perguntas sobre sua frequência e percepção de práticas culturais.

* Bem-estar

Há diversos estudos apontando as diferentes formas pelas quais práticas culturais geram bem-estar, sobretudo enfocando grupos sociais que apresentam condições de saúde específicas[[11]](#footnote-11). Para essa pesquisa, reconhecemos a importância destes resultados, mas enfatizamos uma concepção de bem-estar de caráter subjetivo e interativo, que remete sobretudo ao indivíduo reflexivo, autônomo e empático, também tocando na questão da autoestima pessoal[[12]](#footnote-12).

Os indicadores apresentados nessa dimensão remetem à percepção dos indivíduos sobre si mesmos após a participação e/ou contato com o projeto selecionado. Perguntas abertas foram utilizadas visando provocar a reflexão e a subjetividade dos participantes.

* Identidade

Durante as reuniões colaborativas com os projetos, foi identificada a importância de estabelecer uma dimensão abordando especificamente a questão da identidade, tema que perpassa todos os projetos selecionados. Entendendo que a cultura é uma forma de lente pela qual os indivíduos enxergam e constituem a realidade, compreendemos que ela é também “condição para a construção da história e da memória de um povo e, portanto, formadora da sua identidade”[[13]](#footnote-13). Assim, temos nas práticas e nas ações culturais a possibilidade de representação da memória e da cultura de um povo, reforçando a sua identidade – ou não, na medida em que essa história, essa memória, é ou não contada. Para Pollak (1992), memória e identidade são valores disputados, e a memória tem um papel fundamental enquanto elemento constituinte da identidade, na medida em que contribui para o sentimento de continuidade dentro do tempo e de coerência do indivíduo, elementos essenciais da construção da identidade[[14]](#footnote-14).

Nos indicadores adotados, enfatizamos o papel dos projetos no processo de resgate e ressignificação da memória e da identidade dos grupos sociais com que interagem, considerando aqui histórias invisibilizadas, por um lado, e as conexões com ancestralidades e práticas culturais tradicionais, por outro.

* Redes

A concepção de redes sociais utilizada remete ao conceito de capital social, e enfatiza a construção de relações duradouras entre os indivíduos. Com frequência, a literatura traz esse processo associado à noção de bem-estar, sobretudo demonstrando que a construção de relações sociais pode implicar em melhor saúde física e mental[[15]](#footnote-15). Para os fins desta pesquisa, consideramos que a construção destas redes tem por si só importância, sem nos ater aos potenciais benefícios daí decorrentes[[16]](#footnote-16).

Assim, os indicadores que compõem essa dimensão se dedicam a captar se o projeto proporcionou a geração de redes e a intensidade das mesmas, com atenção à presença de artistas e profissionais do campo artístico e cultural nestas.

* Território

O conceito de democracia cultural, já mencionado aqui, chama atenção para a ação cultural encarada “*de baixo para cima e de dentro para fora*”[[17]](#footnote-17), isto é, emanando principalmente do local em que é realizada segundo os repertórios compartilhados pela comunidade. Nesse sentido, entra em questão a ideia de território, entendido na perspectiva da relação entre a identidade de uma comunidade e o espaço que esta ocupa[[18]](#footnote-18). A forma pela qual as práticas culturais proporcionadas pelos projetos selecionados afetam a relação dos participantes com os territórios abordados – sejam eles ou não os de residência destes indivíduos –, constitui uma das dimensões de potencial impacto da cultura.

Nesta dimensão, os indicadores buscam refletir a intensidade em que os projetos alteram a relação dos participantes com os territórios de atuação, analisando também se implicam em reposicionamento da percepção sobre o espaço mais amplo da cidade.

* Engajamento

A última dimensão que trazemos trata do engajamento social, entendido como ações conscientes e públicas, sejam elas individuais ou coletivas, realizadas para identificar e tratar questões de interesse público[[19]](#footnote-19). Embora não seja uma demanda explícita aos projetos, entendemos que as questões que abordam e/ou as formas como se relacionam com os participantes podem gerar impactos desta natureza nos indivíduos, provocando reflexões de cunho político-social e ações propositivas. Os indicadores aqui levantados tratam da percepção dos participantes acerca destas questões.

Para além destas dimensões, que compõem o cerne da pesquisa, alguns projetos abordaram também questões relacionadas à própria linguagem artística trabalhada, principalmente no âmbito da inovação na prática cultural.

É importante ressaltar que a adoção das dimensões se deu de forma diferente para cada projeto selecionado, considerando suas diferentes características e formato de engajamento e interação com o público. Os questionários finais de cada projeto, trazendo as perguntas organizadas em cada dimensão, podem ser encontrados na última seção deste relatório.

# **Resultados**

## 4.1 Editora e Gráfica Heliópolis

Projeto que tem como objetivo editar livros da comunidade de Heliópolis, na periferia de São Paulo, em processo colaborativo e de cooperativa. Além da edição, o projeto vai atuar na formação de interessados da comunidade em trabalhar com editoração, revisão, impressão, montagem e encadernação de livros. Prevê também a movimentação cultural, com saraus, rodas de conversa e debates com os moradores da comunidade.

**Dados sobre perfil dos respondentes[[20]](#footnote-20) - Questionários 1 e 2**

O grupo que respondeu este primeiro questionário é bastante diverso, e tem sobretudo dois tipos de relação com o projeto – ou é escritor que teve livro publicado pela Editora e Gráfica Heliópolis, ou é produtor/gestor que tem contato com o projeto, seja trabalhando na CEU Heliópolis ou em outras iniciativas da comunidade. Pode-se considerar que tem um nível alto de escolaridade, de intermediário para baixo em renda e pertencente a diferentes grupos de idade.

Este grupo é também heterogêneo, com respondentes distribuídos em distintas faixas etárias. Em termos de relação com o projeto, o questionário abordou participantes das rodas de conversa e do Slam do Helipa, incluindo voluntários que auxiliam na organização do mesmo.

**Dados sobre acesso à cultura**

* 51% dos respondentes não conheciam escritores do território (Heliópolis), até ter contato com o projeto.
* 97% teve contato com novas experiências culturais após a sua participação no projeto.
* 98% concordam que é importante que todos possam participar de atividades artísticas, culturais e criativas.
* 88% teve habilidades culturais e criativas desenvolvidas dado o contato com o projeto.
* 80% buscou aprofundar formação em área cultural criativa após ter contato com o projeto.
* 88% abriu mais espaço para cultura na vida após o projeto.

Projeto leva ao aumento da prática principalmente em linguagens próximas/relacionadas à que aborda (nesse caso, literatura/escrita).

Chama a atenção a porcentagem de adesão entre as faixas etárias mais jovens aos saraus:

|  |  |
| --- | --- |
| Menos de 18 anos. | 75% |
| 18-24 anos. | 65% |
| 25-34 anos. | 50% |

Da mesma forma, o projeto parece ter criado uma ponte entre as faixas etárias mais velhas e a participação em slams:

|  |  |
| --- | --- |
| 45-64 anos | 100% |
| 45-64 anos. | 67% |
| Mais de 65 anos. | 100% |

Podemos considerar, nesse sentido, de que o projeto atua como ponte entre gerações e determinadas atividades culturais.

Alguns relatos esclarecem algumas formas de impacto que o projeto exerce sobre quem mantém contato com ele:

“Levo a certeza de saber que não importa de onde você é, ou de onde veio é possível ser uma escritora, poetisa, cronista, contista se você encontrar as pessoas e as oportunidades certas!”

“Passei a gostar mais e conhecer poesia e poemas que até então tinha uma aversão.”

“Participar com frequência de projetos sociais/ escrever mais duas histórias infantis/ valorizar e empoderar a cultura incluindo a mesma no universo da minha filha e familiares”

“Começou a ter mais movimento na biblioteca”

Na dimensão do acesso à cultura, destacam-se a valorização da cultura da periferia e a representatividade que emerge neste processo, e a democratização da cultura.

Um dos questionários (Q2) foi aplicado especificamente a participantes das rodas de conversa e slams, um grupo que tem um engajamento com o projeto bastante inserido na sua proposta de ampliar o alcance de atividades relacionadas à leitura e produção literária na comunidade. As suas respostas sobre como o projeto afetou sua relação com a cultura reforçam as questões acima mencionadas:

“Comecei a reconhecer a riqueza cultural de Heliópolis e região. Obtive novas leituras de autores próximos.”

“Me aproximei mais das atividades culturais, comecei a ler mais e conhecer novos autores”

“O projeto fez com que eu me aproximasse da cultura do meu bairro, através da literatura, o que não ocorria antes. Mas agora este acesso está mais fácil, devido às rodas de poesia e da publicação e divulgação de obras locais.”

“Participar do projeto, mesmo estando do lado de fora, me fez repensar o estereótipo do pobre não gostar de cultura. Na verdade, foi uma descoberta imensa quando percebi que estou cercado de artistas que antes não tinham a oportunidade de apresentarem seus trabalhos. Ver e ler os trabalhos literários dos antigos ‘autores invisíveis’ foi muito importante no meu processo de identidade social e de como me sinto representado.”

Os relatos demonstram que, embora a dimensão identidade não tenha sido abordada diretamente no questionário, ela vem à tona quando há espaço para que o participante acesse e relate a experiência de forma aberta.

**Dados sobre Bem-Estar**

O projeto provoca os participantes a sair de suas zonas de conforto, seja enquanto autor publicado, enquanto parceiro do projeto ou apenas indivíduo que acompanha suas ações. As respostas abertas demonstram isso, com diversos relatos sobre escritores publicados pela primeira vez, participantes que conhecem e passam a se interessar por slam, professoras desafiadas a levar novos conhecimentos para sala de aula. Essa provocação tem efeitos positivos na medida em que 100% dos entrevistados concordaram que se sentem mais abertos a novas experiências após o contato com o projeto.

Os altos níveis de adesão às demais afirmações reafirmam os efeitos positivos que o projeto exerce sobre seus participantes.

*Relatos*

“O fato de que sou mais capaz do que imagino; o fato de que sempre posso enxergar um novo mundo; o fato de que aprender nunca é demais e que devemos nos conhecer mais e mais; levo a experiência de ter meu nome na autoria de um livro; levo a sensação de ter dado um autógrafo; levo como uma boa lembrança para a vida!” **Experiência marcante e positiva**

“Levo a ousadia de fazer diferente e mostrar que é importante não haver distinções na vida, pois o talento não distingue classes” **Empoderamento**

“A alegria das pessoas me afetando.” **Saúde mental**

“Eu sou de ficar em casa, com o projeto eu saio mais pra ir nos eventos deles.” **Mudança de comportamento**

“Comecei a ler mais e me interessar por coisas que não tinha tanto conhecimento como o slam.” **Contato com novas experiências**

“Melhorar desenvoltura, comunicação pessoal” **Aprimoramento na troca interpessoal**

**Dados sobre Redes**

A Editora e Gráfica Heliópolis é parceira na organização de eventos que incentivam a prática literária e seu entorno, como saraus, rodas de conversa, slams e lançamentos de livros. Estes eventos são oportunidades para a construção de redes entre os participantes os quais, possivelmente influenciados pela postura acessível, empática e aberta da equipe, se conectam uns aos outros. A alta adesão às afirmações acima demonstra isso.

*Relatos*

“Uma ampliação no conceito de solidariedade” **Reforço de laços**

“Tive mais contato com os mais jovens” **Ponte geracional**

“A Editora me permitiu fazer parte do Slam do Helipa. Um projeto que me fez ficar mais próxima do povo, das pessoas que tem MUITO o que falar, mas muitas vezes não podem. Esse processo me permitiu ficar mais próxima da Cultura, de entender melhor o que é um slam, me fez conhecer ótimas pessoas.” **Ampliação de redes**

“Sim, conheci pessoas de várias áreas, idades, religiões e status social. Estabeleci grandes relações de amizades onde discutimos ideias de como melhorar a cada dia nós mesmo para podermos ajudarmos aos outros” **Diversificação de redes e incentivo ao respeito e tolerância**

“Conheci novas pessoas que me possibilitaram entender as diversidades de expressão artística da cena periférica. Estabeleci uma relação de apoio e respeito mútuo com interesse comum pelas literaturas contemporâneas, como a literatura marginal.” **Construção de redes aprofunda valorização da cultura da periferia**

**Dados sobre Território**

O projeto impactou significativamente a relação entre os participantes entrevistados e o território. Entre 85 e 88% dos entrevistados concordaram que o projeto os levou a frequentar novos locais, influenciou sua relação de pertencimento com a cidade e o território em que mora e, também, que alterou a visão que possuíam do bairro.

Apenas 69%, no entanto, demonstraram que o projeto alterou sua visão a respeito da cidade que moram. Neste grupo, destaca-se a participação expressiva de jovens que não concordam com a afirmação, principalmente com Ensino Médio (66% do grupo) ou Especialização de Nível Superior (42% do grupo).

O foco do projeto na comunidade de Heliópolis junto às dimensões da cidade de São Paulo e as desigualdades que as pontuam podem explicar a menor incidência sobre a visão que os participantes têm da cidade.

46 entrevistados (78%) responderam que o contato com o projeto alterou sua relação com o território. Maior parte se refere aos talentos escondidos em Heliópolis, que o projeto possibilitou o (re)conhecimento, de forma que a comunidade passasse a ser vista como lugar possível de produção literária.

*Relatos*

“Um pouco, eu não sabia que tinha vários escritores e artistas. Descobri que eu tenho vizinhos que escrevem.” **Aprofunda a conexão com as pessoas**

“O projeto me fez enxergar que há muita beleza e talentos ocultos no meu bairro, que ele é bonito de diversas formas. Todo esse processo me fez amar mais ainda a comunidade em que vivo e faço parte.” **Reforçou os laços com a comunidade**

“Passei minha infância no bairro, para mim foi um resgate de momentos passados, de pessoas e locais por onde brinquei e passei, mas já havia me afastado. Porém com esta oportunidade me deu mais esperança das histórias de superação pelo qual passei.” **Resgate da memória**

“Uma forma de pensar além e que nas comunidades também há pessoas que estão pensando em um futuro mais justo e igualitário através do conhecimento” **Articulação para futuro mais justo e igualitário (Q2)**

“Com certeza, o bairro que eu moro ficou mais bonito, eu sei que tenho verdadeiros artistas de diversas maneiras ao meu redor. Saber, também, que se eu quiser expor o que é meu, pela minha causa, a gráfica de Heliópolis vai me ajudar, e é ótimo.” **Reconhecimento da cultura do território (Q2)**

“O bairro é repleto de pessoas simples, que por vezes passam dificuldades de aceitação na sociedade, mas a cultura é uma forma de unir as pessoas de diferentes classes sociais.” **Aproximação entre diferentes realidades sociais (Q2)**

**Dados sobre os destaques do projeto**

*Democratização atividade literária:* Dentre aqueles que apontaram democratização da atividade literária, destaca-se que 66% mencionaram especificamente o modelo de negócios inclusivo adotado pela Gráfica, que cria oportunidades de publicação para escritores da periferia, amadores ou com pouca experiência, abrindo espaço também para publicação de grupos específicos como LGBTQI+ e mulheres.

O projeto rompe com a lógica predominante no mercado editorial, o que é bastante valorizado pelos entrevistados em suas falas. Promove empoderamento de modo que os escritores não apenas passem a acreditar em seu potencial e chances reais de publicação, mas também que “juntos podem mudar o meio”.

*Importância para a economia da comunidade:* Os entrevistados mencionaram também a importância do projeto para a economia da comunidade, com a geração de renda a partir das vendas das obras e durante a realização dos eventos.

*Postura da equipe*: É sempre valorizada como acessível, receptiva, dedicada e com um forte compromisso com seu propósito. Os entrevistados reconhecem as limitações que ela enfrenta e a valorizam também por isso.

*Valorização da cultura da periferia/representatividade*: em diversos comentários é destacada a importância da presença do projeto na comunidade, como forma de valorização da cultura da periferia e também pela geração de representatividade entre habitantes do território e escritores.

*Proposta do projeto:* Alguns comentários foram mais gerais, elogiando a proposta do projeto e sua dinâmica de organização.

*Papel na realização dos sonhos:* O projeto simboliza um caminho possível para a realização de sonhos de autores e escritores da comunidade, o que é mencionado em inúmeros comentários.

## 4.2 Grupo Ninho

O projeto selecionado para o Rumos inclui intercâmbio, imersão e circulação do espetáculo Poeira para celebrar os 10 anos do Grupo Ninho de Teatro. Com mestres e mestras da cultura popular do Cariri e mestres e mestras de São Paulo, Porto Alegre, Brasília e Belém, os intercâmbios fundamentam a relevância de circular gerando uma rede de encontros e trocas de saberes, ampliando os aspectos e a importância da interculturalidade num país com tanta diversidade como o Brasil.

**Dados sobre perfil dos respondentes**

O grupo de respondentes do questionário demonstra certo nível de inserção na cena cultural regional, considerando que a maior parte do grupo participa de cursos oferecidos na Casa Ninho, tem contato profissional com os artistas do grupo ou já foi procurado profissionalmente por este. Este grupo apresenta também níveis de escolaridade elevados, com a maior parte dos respondentes indicando ter ensino superior, e parcela expressiva com pós-graduação. Em termos de renda, se distribuem entre as diferentes faixas, com predomínio das faixas mais baixas.

**Dados sobre acesso à cultura**

* 78% dos respondentes já conheciam mestres da cultura popular do território.
* 97% teve contato com novas experiências culturais após a sua participação no projeto.
* 99% concordam que é importante que todos possam participar de atividades artísticas, culturais e criativas.
* 83% teve habilidades culturais e criativas desenvolvidas dado o contato com o projeto.
* 75% buscou aprofundar formação em área cultural criativa após ter contato com o projeto.
* 80% abriu mais espaço para cultura na vida após o projeto.

Como demonstram os dados de perfil, o público que frequenta as atividades na Casa Ninho e, portanto, está principalmente localizado no Cariri Cearense, já está bastante inserido no circuito cultural e é capaz de usufruir de experiências e práticas culturais. Ainda assim, o Grupo instiga esse público já qualificado a frequentar outras atividades culturais e a buscar contato com novas experiências culturais e desenvolvimento na área artística/cultural.

As mini-entrevistas realizadas após apresentação do espetáculo Poeira! em Porto Alegre (RS) destacam o aspecto relacionado ao intercâmbio proposto pelo projeto, tais como proporcionar o contato com cultura distante, que não se teria acesso de outra forma, e provocar uma sensação de unidade, aproximando pontos tão distantes e distintos do nosso país. A questão da gratuidade do espetáculo foi também bastante mencionada, sendo um aspecto importante para a atração do público.

*Relatos*

“Em primeiro lugar eu acho importante a gente ter acesso aos bens culturais, ter acesso a coisas que são feitas no outro extremo do Brasil. A gente do Sul ter acesso ao que é a cultura lá do Nordeste, do extremo Nordeste, do outro extremo do país, poder trocar saberes como eles dizem mesmo, ter essa troca de saberes e poder compartilhar esses saberes que não são os saberes canonizados nas grandes estruturas, nas grandes mídias, mas é a gente pensar desde pequeninho quais são os nossos mestres...”

“Eu acho que esse tipo de espetáculo é fundamental porque mostra que a cultura tá ali nos lugares onde a gente menos espera [...]”

“O que me tocou de maneira bem profunda foi a diferença cultural assim né, sobre a simplicidade de vida que os mestres, a gente vai ver no fim que é isso, que os mestres trazem, e a alegria que isso traz e a complexidade de vida que a gente tem pra ter a alegria que eles tem e não tem, e a gente não alcança”

**Dados sobre Bem-Estar**

As mini-entrevistas chamam atenção para aspectos importantes desta dimensão:

* Simplicidade da vida dos mestres como contraponto importante para as rotinas atribuladas, provocando reflexão. Há um destaque ao aspecto humano dentro daquilo que é trazido no espetáculo.
* “Saio com vontade de viver vibrando”: espetáculo influencia bem-estar dos espectadores
* Espetáculo reforça/desperta sentimento de esperança, frente ao cenário político atual

**Dados sobre Identidade**

Após a participação no projeto,

* 91% dos respondentes sentiu mais afeto pela cultura da região
* 90% dos respondentes se identificou mais com a cultura da região
* 94% dos respondentes sentiu mais orgulho da cultura da região
* 90% dos respondentes se sentiram mais curiosos sobre a cultura da região
* 80% dos respondentes quis realizar atividades culturais tradicionais da região, sendo Reisado, Caretas e Côco as mais citadas.

O espetáculo Poeira! tem uma relação profunda com a preservação da memória e da ancestralidade do Cariri cearense, encenando e valorizando os saberes dos mestres e mestras da cultura popular. Em respostas abertas, os participantes reforçam a importância das práticas culturais tradicionais em suas vidas – e, portanto, a própria importância do espetáculo para o fortalecimento do aspecto identitário e do sentimento de pertencimento junto à cultura do Cariri. Os relatos abaixo abordam esses pontos.

*Relatos*

“Ajuda a compreender a mim e aos outros com os quais convivo e mantendo as relações de convívio social por meio da arte”

“São pontos de referência e de identidade.”

 “Reconhecer a memória do meu povo e consequentemente, prezar por sua continuidade e valorização.”

“A cultural tradicional está na minha formação de ser cearense”

“Fortalecimento da minha identidade cultural”

O relato de uma espectadora de São Paulo que assistiu o espetáculo em Porto Alegre acrescenta uma ótica de integração enquanto identidade brasileira a partir do contato do espetáculo, como segue:

“Eu tô muito tocada por essa ideia de transito, de não ser daqui, estar aqui e receber pessoas que também não são daqui, que vem de ainda mais longe e de sentir essa integração tão enorme assim, é uma sensação de completude assim, e dá uma vontade enorme de se jogar pra conhecer esse país assim, porque às vezes a gente fica tão fechado no nosso e de entender todo o ser humano como um ser humano, seja ele quem for...”

**Dados sobre Redes**

As redes criadas por meio da participação em projetos do Grupo Ninho são consistentes, conforme as informações disponibilizadas. Enfatizando o aspecto de circulação do espetáculo, as mini-entrevistas chamam a atenção para as relações sociais de troca: aprender com os mestres, mas também estabelecer relações com as pessoas e sua cultura e, se houver espaço, dar algo a elas também.

**Dados sobre Território**

A relação territorial do Grupo Ninho é pautada por uma delimitação geográfica que excede as fronteiras da cidade, baseada na identidade cultural compartilhada entre a região do Cariri Cearense. Assim, o recorte do bairro é menos importante do que o da cidade na perspectiva do Grupo Ninho, como trazem os dados acima. Algumas respostas abertas ao questionário esclarecem quanto à forma como o Grupo influencia a relação entre participantes e o território do Cariri:

*Relatos*

“Nasci em São Paulo, minha família é do interior do Pernambuco, tem 14 anos que meus pais vieram morar aqui no Cariri e logo depois eu vim. Confesso que depois do teatro tudo aqui se modificou em mim, eu entendi a força, beleza e potência que é esse lugar culturalmente.”

“O grupo faz questão de nos proporcionar conversas, encontros com pessoas, visitações em lugares fomentadores de cultura. Contudo, a forma de enxergar o cariri é totalmente diferente da que eu conhecia, hoje compreendo os signos e simbologias do cariri. E tento ao máximo repassar em conversas com pessoas e projetos da universidade.”

“Sim. O Grupo colaborou no processo de conhecer outros aspectos, dinâmicas e realidades da região bem como aspectos relacionados do fazer artístico local. Através de diálogos, encontros, produções artísticas compartilhadas e práticas artísticas-pedagógicas pude ampliar meu repertório e aprender outras formas de ver-fazer.”

## 4.3 Hip Hop Caboclo

Encontros musicais entre as fronteiras territoriais, estéticas e sonoras da cultura popular e o hip-hop, uma pesquisa fundamentada nos ritmos brasileiros de matrizes africanas e indígenas em consonância com as métricas e poéticas do rap. Hip-Hop Caboclo é um projeto de pesquisa, documentação e registro, previsto para acontecer em um estúdio móvel em expedição pelo Norte e pelo Nordeste do Brasil: registrar sonoridades oriundas das manifestações tradicionais afro-brasileiras encontradas nos estados da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão, do Pará e do Acre; incluindo um minidocumentário e um CD.

**Dados sobre perfil dos respondentes – Questionários 1 e 2**

Devido à característica do projeto, que consistiu em pesquisa junto a mestres da cultura popular do Norte e Nordeste do país para embasar a produção musical conjunta de João e Gaspar, proponentes do projeto, adotamos como estratégia de pesquisa buscar informações junto a pessoas que possuíam vínculos com o trabalho de ambos, para além dos limites do projeto analisado. Para identificar o quanto o projeto já era conhecido entre eles, questionamos se já o conheciam, o que foi confirmado por 64% dos respondentes.

**Dados sobre Acesso à cultura e Identidade[[21]](#footnote-21)**

As atividades desenvolvidas por Gaspar e João,

* Geraram afeto pela cultura popular brasileira para 94% dos respondentes
* Valorizaram as raízes da cultura popular brasileira para 96% dos respondentes
* Despertaram curiosidade sobre o hip hop para 86% dos respondentes
* Despertaram curiosidade sobre a cultura popular brasileira para 86% dos respondentes
* Proporcionaram contato com novas experiências culturais para 98% dos respondentes
* Aumentaram a participação de arte e cultura na vida de 94% dos respondentes
* Incentivaram 96% dos respondentes a participar de atividades culturais e/ou artísticas
* Motivaram 84% dos respondentes a buscar formação em área artística/cultural/criativa
* Desenvolveram as habiliaddes artísticas/culturais de 94% dos respondentes

Ainda, o contato com o trabalho de Gaspar e João estimulou os respondentes a frequentar outras atividades culturais, como demonstra o gráfico abaixo.

Um dos respondentes trouxe que “Conhecendo partes do projeto e com a convivência com Gaspar, despertou o desejo de desenvolver projetos culturais e trabalhar com eles. Hoje me encontro no Hip Hop Quilombola”.

Um dado interessante levantado é de que 92% dos respondentes acreditam que a cultura da periferia não é valorizada no Brasil. As consequências mencionadas pelos participantes são a marginalização, discriminação e criminalização da população periférica, que deixa de produzir arte já que não pode difundi-la. Isto prejudica, por um lado, a própria população, que sofre com “baixa auto-estima, aumento da violência, empobrecimento cultural e social”, e o próprio país “uma vez que o talentos do subúrbio não tem oportunidade nem visibilidade”[[22]](#footnote-22).

A relação do projeto com a identidade fica clara nas respostas abertas, como demonstram os relatos abaixo:

*Relatos*

“[...] mas entro em contato com o periférico, com a ideia de lugar simbólico marcado pela busca da liberdade. Se buscamos a liberdade é porque estamos presos por uma desigualdade, por uma violência, por um ordenamento territorial que exclui. Isso me lembra os retirantes, a luta pela vida contra a seca, a cultura regional que valoriza essa relação árida com o árido.”

“A possibilidade de entender um Brasil que se construiu através das relações entre os povos originários e os colonizadores (índios, negros e brancos), e a cultura de resistência que se apresentou a partir dessas relações (congruentes ou distanciadores e de domínio ou convergência)”

“Após, eu tive mais interesse em me aproximar de minhas raízes, meus ancestrais, do povo que me trouxe até aqui. Sempre que tenho a oportunidade de dialogar e conhecer essas riquezas culturais, eu me renovo.”

**Dados sobre Território**

O contato com o trabalho do João e do Gaspar.

* Levou 95% dos respondentes a frequentar novos locais
* Alterou a visão que 80% dos respondentes tinham da cidade
* Alterou a visão que 76% dos respondentes tinham do bairro
* Alterou a forma como 88% dos respondentes enxergam o território em que moram

Os relatos abaixo trazem detalhes sobre como o trabalho desenvolvido por ambos influenciou a relação dos respondentes com seus territórios.

*Relatos*

“A cultura com a aula de hip hop foi descriminalizada, a cultura periférica”

“Deu mais riqueza e orgulho”

“Pensar a dança em lugares periféricos sem reafirmar estereótipos ou utilizar clichês me faz começar a enxergar para além do que já está acostumado em situações que ocorrem no meu bairro, o contato com eles ajudou a desenvolver senso crítico.”

“Reconhecer o outro é reconhecer a si mesmo. O mesmo acontece quanto aos territórios, à história, aos seus personagens, aos anseios e objetivos.”

**Comentários sobre inovações culturais identificadas no projeto**

Além do questionário apresentado anteriormente, um outro questionário foi aplicado para produtores que trabalharam diretamente junto ao projeto. Destes, 67% indicaram que a cultura de sua região não é valorizada no Brasil, enquanto 100% concordaram que é importante transmitir as práticas culturais tradicionais para novas gerações.

* Fusão entre Hip Hop e culturas tradicionais, materializada em uma busca fora do eixo SP-RJ por poesias e musicalidades. Como exemplo, foi citada a mistura entre Hip Hop e Carimbó
* A miscelânea de ritmos é, justamente, bastante citada como principal inovação do projeto, quebrando o padrão da música Hip Hop comumente feita no Brasil
* A circulação por 5 estados brasileiros, cujos registros incorporados às músicas transmitirão a diversidade e riqueza cultural brasileiras, considerando também a importância da inclusão do estado do Acre no circuito
* Encontro com os mestres como forma de inspiração

Um relato do questionário 1 traz um paralelo interessante entre o projeto e a experiência de Mario de Andrade, como segue:

“Eu vejo este projeto como espelho das grandes viagens do Mario de Andrade pelos interiores do Brasil, com uma diferença a de fazer junto uma construção artística de troca, e não só um importante registro histórico de artistas originários da nossa cultura brasileira. “

## 4.4 Verdevez**[[23]](#footnote-23)**

Reúne projetos do artista Maurício Pokemon, que olha para a urgência de insistir na criação de contextos para a produção das artes visuais contemporâneas no Piauí, bem como para o acesso a elas. verdeVEZ propõe três residências artísticas e três compartilhamentos públicos, dedicados ao aprofundamento e ao desenvolvimento da pesquisa iniciada em 2015 a partir de seu contato com a comunidade ribeirinha Boa Esperança, em Teresina, Piauí.

**Dados sobre o perfil dos respondentes – Questionário 1**

Este primeiro grupo de respondentes incluía artistas que participaram do projeto e artistas que tiveram contato com o projeto enquanto residentes no Campo Arte Contemporânea.

**Dados sobre Acesso à cultura**

* 92% dos respondentes concordaram que é importante que todos possam participar de atividades artísticas, culturais e criativas
* 92% dos respondentes indicou que a participação no projeto desenvolveu habilidades culturais e criativas
* 83% buscaram aprofundar formação em área cultural/artística após ter contato com o projeto
* 83% afirmou que o projeto proporcionou contato com novas experiências culturais
* 75% sentiu mais vontade de participar de atividades culturais/artísticas após ter contato com o projeto

**Dados sobre Engajamento**

O alcance dos impactos sobre o engajamento dos artistas é reduzido, e presente sobretudo nos indicadores relacionados a ação sobre problema ou tema social mais amplos. Isso pode estar relacionado ao fato dos artistas não residirem em Teresina e, portanto, não sentirem efeitos do projeto sobre suas relações com seus territórios de origem.

**Relatos sobre relação arte-comunidade**

Quando questionados sobre a forma como o projeto afetou como pensam a relação arte-comunidade, os principais pontos levantados pelos artistas foram:

* Os encontros e trocas que ocorreram, marcadas por aproximações e afetos, provocaram reflexões sobre o outro enquanto categoria e, especialmente, sobre o posicionamento do artista enquanto tal quando inserido junto a estes outros.
* Dessa aproximação, resultou a percepção de novas relações organizacionais, desmistificando “o paradigma de que comunidade tradicional só tem abertura para manifestações tradicionais, folclóricas”
* Reflexos na forma como lidam com suas próprias comunidades de origem, construindo uma conexão mais forte com estas, valorizando a forma como as veem e buscando novas formas para agir junto a essa
* Boa parte dos artistas relatou ter ocorrido uma influência direta na sua forma de fazer arte, a partir do contato com a comunidade e das trocas realizadas

Alguns relatos:

“Me fez enxergar a partir de ações do próprio projeto (como a residência artística ou as trocas com os artistas envolvidos) um exercício de aproximação de sujeitos e comunidade a partir de convivências que convergiam para discussões que alimentavam pesquisas e propostas artísticas. essa processualidade afetou minha forma de trabalhar e de ver meu trabalho.”

“O projeto trouxe uma possibilidade através da singularidade do encontro entre arte e comunidade. Para além dos discursos bonitos e apaziguadores que transformam comunidade em um termo que aplana todas as complexidades que constituem cada uma.

“Lembro de conversas entre artistas residentes e moradores da Boa Esperança, se havia esperança ou não na luta que está travada com o projeto do Estado, Lagoas do Norte; Do encontro de uma moradora afetar completamente o modo de trabalhar da Camila Svenson, artista residente na primeira etapa do projeto.”

**Dados do Questionário 3**

A visita à exposição:

* Despertou interesse em 93% dos respondentes para solucionar problemas da região de onde vem
* Levou 96% dos respondentes a refletir e/ou conversar com outros sobre problemas da região de onde vem e possíveis soluções
* Inspirou 93% a se envolver mais com problemas da região onde mora
* Provocou reflexões sobre o tema abordado em 100% dos respondentes
* Despertou em 100% dos respondentes consciência para um problema social/público

Dentre os relatos sobre o que os marcou na exposição, os participantes dividiram-se principalmente em duas categorias: a primeira, ressaltando a importância de o projeto dar voz aos moradores da Boa Esperança e sua luta, atraindo atenção e projetando esta realidade para fora do circuito local e midiático. Disso, decorre também uma identificação entre o visitante da exposição e o território, como se a exposição fosse capaz de transportá-lo até lá (conforme menciona um dos comentários).

A segunda se relaciona à expressão artística propriamente dita, chamando atenção para detalhes e conceitos presentes nas fotografias, bem como para a organização da exposição.

A interação entre ambas percepções parece, de acordo com os comentários, incentivar os visitantes a aprofundarem-se no olhar pela cidade e seu registro, apoiando e reforçando a luta da comunidade.

*Relatos:*

“Percebo o trabalho e a exposição adição de potência nas diversas narrativas, como veículo necessário ao reportar que possa ser negado ou abstraído, a Boa Esperança precisa atingir a cidade, fora do olhar da notícia, mas dentro das aberturas das populações”

“Interessante ver a inversão de valores sociais. Pela primeira vez vejo pessoas reais sendo percebidas como protagonistas, o que vai além da causa, transporta a realidade dos moradores.”

“A riqueza das cores, texturas e camuflagem preenchendo o olhar do visitante ao toque clássico da simplicidade: ser e estar”

“Nunca estive na comunidade da Boa Esperança, mas sinto que a exposição me transportou até lá, tanto pelas paisagens do rio e vegetação, como por cada detalhe da vida das pessoas que ali habitam.”

“Me trouxe várias imagens e memórias do nosso modo de viver, de ocupar os espaços e de relação com eles. Imagens e modos muitas vezes tão corriqueiros, tão presentes no nosso imaginário cotidiano, familiar, comunitário que só percebemos uma parte da tamanha riqueza que representa.”

“Me trouxe a 'necessidade' de olhar de uma forma diferente para o ambiente o qual eu faço/sou parte. Acredito que a fotografia conta histórias profundas e expressa sentimentos. A cidade tem vida por causa de quem a habita, logo, existem dores, amores, prazeres e vida. O contato com a exposição me fez querer ir além, olhar para a vida que existe ao meu redor. Conhecer, estabelecer relações, 'eternizar'.”

## 4.5 Retratistas do Morro

O projeto tem por objetivo contribuir para a preservação do patrimônio imagético da Comunidade da Serra, em Belo Horizonte, a partir de restauração, catalogação e digitalização de 300 imagens dos acervos fotográficos dos retratistas João Mendes e Afonso Pimenta, que há quase 50 anos registram o cotidiano dessa população. As imagens restauradas e acompanhadas de uma produção textual bilíngue (português e inglês) sobre o contexto em que foram realizadas serão disponibilizadas publicamente por meio de um site.

**Dados sobre o perfil dos respondentes – Questionários 1 e 2**

Os respondentes do primeiro questionário são todos residentes de diferentes comunidades que compõem o bairro chamado Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. A maior parte dos respondentes são pessoas com mais de 45 anos, de escolaridade baixa e cuja renda limita-se a 2 salários mínimos. Em seus relatos, trazem com frequência a simplicidade de suas origens, as dificuldades passadas na juventude e a melhoria de vida adquirida com o passar dos anos.

Já o perfil do público que respondeu o segundo questionário, formado por artistas e profissionais do campo artístico e cultural que tiveram contato com o projeto, é bastante distinto, apresentando faixa de renda e escolaridade mais altas.

**Dados sobre Acesso à cultura e Território**

Os moradores da comunidade da Serra foram questionados sobre seu entendimento de cultura, de modo a investigar se o contato com o projeto afetou sua relação com o tema. A análise dos dados já ressalta a relevância de um projeto como o Retratistas, que inclui uma população marginalizada no âmbito do fazer cultural. Abaixo, reunimos alguns relatos sobre o entendimento de cultura compartilhado pelos entrevistados:

*Relatos*

“A cultura pra mim é arte, música, igual tudo nessa parte também, tipo, é quando alguma coisa é reconhecida, mesmo não só do de hoje, mas do anterior também”

“Cultura pra mim é sabedoria, ensino, vivência né, a gente vai vivendo com a pessoa vai sabendo como que a pessoa é, eu acho que é isso aí”

“O modo de viver de cada povo”

“A cultura é a base de tudo praticamente, porque a pessoa sem cultura não é nada, tem umas pessoas que é analfabeta e tem mais cultura do que uma pessoa que talvez estuda muito mais do que a outra”

“Cultura eu só sei o que eu aprendi com o Guilherme né”

Frequentemente, a definição apresentada é relacional e envolve conjunto de hábitos, por vezes passados de geração para geração, incluindo um viés importante relacionado ao reconhecimento. Isto reforça a importância do projeto, que lida com a retomada e preservação da memória compartilhada da comunidade. Enquanto, por um lado, os respondentes mais velhos demonstram muitas vezes insegurança em responder o que é cultura, os mais novos apontam maior familiaridade, indicando que o acesso a práticas culturais vem crescendo dentro da favela. Um deste grupo, inclusive, relatou a influência do trabalho dos fotógrafos João e Antônio, protagonistas do Retratistas, em sua decisão de seguir a carreira artística:

“Ó, eu nasci aqui na serra, no hospital evangélico mesmo, eu já to com 26 anos e naquela época eu vi o senhorzinho, o seu Afonso o caso com a máquina e nem imaginava que hoje eu ia virar fotógrafo também, então eu tenho também projetos que tem a ver com isso né, com a favela, gravei alguns vídeos com os moradores que foi muito bacana e tipo assim, histórias deles, isso é muito engraçado e ao mesmo tempo sofrido também que a questão da água, que antes eles tinham que buscar água e eu nem sabia disso, pra lavar roupa, então eu acho que isso muda bastante, a gente ter um olhar mais crítico pra serra né, porque mudou tanto, e o pessoa só fala em violência, violência, e nunca você vai ver morador daqui retratando sobre violência, sempre a gente vai falar de coisa boa, quem fala ruim é gente que não mora aqui, não convive assim sabe.”

Esta fala traz também um aspecto importante sobre a percepção externa do território. Nas falas dos entrevistados, predomina a narrativa de que a imagem da comunidade é negativa quando retratada nos principais veículos de mídia (61% dos respondentes), uma percepção compartilhada pelos mais jovens e mais velhos. Há discriminação na forma como a comunidade e os habitantes são retratados, “Com violência e sangue né, se você torcer o jornal sai sangue” relatou um participante.

É forte a demanda para que essa narrativa seja alterada, como demonstra um entrevistado “Eu já vi projeto sobre capoeira, sobre história de criança que faz treinamento, é uma história muito boa, eu já vi muito isso aí nas praças, tem as coisas ruins também mas isso aí vamos deixar pra lá, vamos mexer só a coisa boa”. Embora alguns respondentes registrem que a abordagem vem mudando, e dando espaço para aspectos mais positivos, a maior parte expressa um sentimento de frustração com o tom da narrativa preponderante e menciona iniciativas positivas que ocorrem no território como caminho para alterar essa imagem, como projetos sociais e a Rádio Favela, por exemplo.

**Dados sobre Identidade**

Nesse projeto, há uma forte relação entre identidade, território e bem-estar. Como visto acima, a demanda para que a imagem do complexo de favelas seja alterada perpassa a necessidade de contar uma história invisibilizada, a dos moradores e a da construção do próprio território. Para isso, é central o papel de resgate da memória que o projeto realiza, já iniciado com o livro Memórias da Vila, e agora continuado com o Retratistas do Morro.

A invisibilização da história destas pessoas é evidente em seus relatos. A maior parte dos respondentes não estudou a história da comunidade na escola, e afirma que seus filhos e netos também não. Tudo o que sabem sobre a comunidade vem através de relatos orais, dos mais velhos, dos que chegaram ali e participaram direta e ativamente da construção do território. Uma respondente observa, inclusive, que a única coisa comentada em uma escola do território sobre o mesmo é que “o lugar que a minha escola [é] agora, antigamente, era o presídio do aglomerado da serra”

Esta invisibilização leva ao questionamento da importância da própria história: “Ah, deve ter estudado mas naquele tempo também não tinha assim muita história pra contar sobre a serra, eles contavam a história de belo horizonte na escola né”.

Para muitos, o livro Memórias da Vila foi a primeira e única oportunidade de contar a sua história e do território de forma organizada. Os participantes trazem, nos relatos, a relação com esse processo de apropriação e resgate da sua história:

“Ah, pra mim foi gratificante, porque ninguém sabia da história nossa aqui” “[...] e algumas pessoas ficou sabendo o que que a gente passou aqui né, porque tem muitas pessoas que olha pra gente hoje e não sabe o que que a gente passou há 30, 40 anos atrás.”

“Eu acho muito importante porque tem um vizinho meu que não sabia disso e aí ontem ele viu meu livro, viu as histórias, viu o pessoal antigo e ele emocionou na hora que ele viu porque ele viu como que as coisas eram, então pra ele, ninguém aqui tinha conhecimento disso, porque nós foi lembrado, as pessoas lembrar de nós, viu que era importante as pessoas saberem da nossa história, pelo que já passamos pra saber que nós vencemos e foi muito bom”

“Nossa mãe, aquilo pra mim foi uma satisfação, porque a pessoa vinha falar assim “ah, a pessoa trabalhou bonito então, porque se ele não tivesse trabalhado então ele não tinha feito essa foto pra poder colocar lá”

Contar a própria história, para os participantes, é importante por uma série de motivos:

* Fundamenta a sua própria história
* Valoriza as origens
* Reconhece o empenho das pessoas na construção do território e de sua luta: “Eu acho importante essa história principalmente pra geração mais nova né, porque hoje todo mundo chega no aglomerado da serra, antes era outra história né, hoje a gente abre a torneira e tem água, antigamente era, essa história foi construída pela luta de muita gente”
* Conhecer a história da Serra é importante para que construam a própria história: “Olha eu acho isso muito importante até pra gente poder acima disso a gente montar a nossa história também né, a gente criar a nossa própria história porque se a serra não tivesse história, que graça teria eu morar num lugar como esse” e “pra mim não é só contar a história, é como essa história é contada né”
* Rompe com estereótipos e discriminação:

“Essa questão de construção de memória, de construções identitárias, de entender que aqui somos muito diversos enquanto pessoas, enquanto modos de vida, enquanto formações, enquanto trabalhos, né assim, é importante pras desconstruções de estereótipos, eu acho que nesse sentido a minha história é importante”

“Ah eu acho legal porque muitas vezes por ser aglomerado muitas vezes é esquecido pelo povo. É discriminado né”

“Isso é uma coisa importante sabe pra que? Porque tem várias pessoas que moram aqui embaixo e não sabem o que que acontece aqui dentro, não conhece a vida aqui não, eles acham que tudo é bandido, e 99,9% das pessoas que moram aqui dentro é gente boa”

* Implica em reconhecimento para fora, junto ao resto da cidade. Nesse caso, os participantes se referem com frequência à exposição de fotos dos moradores da Serra que ocorreu em estações de metrô de Belo Horizonte. Isso é ainda mais relevante em um contexto em que os moradores relatam também uma não-representação junto aos meios de comunicação – e propagandas, jornais, revistas etc:

“Não, nós não frequenta novela não”

“[...]a doméstica que é representada na televisão não é a minha mãe, é um estereótipo de doméstica que a minha mãe não se enquadra por exemplo”

“Imagens eu vejo o tempo todo só que não são imagens com as quais eu me reconheço”

“Ah, significa que eu to sendo reconhecido, a minha comunidade também e a minha história além de ser retratada ela tá sendo passada pra outras pessoas, não só a nossa geração, mas outras pessoas que tem curiosidade de conhecer o nosso cotidiano e a nossa casa”

Disso resulta uma valorização importante do próprio Aglomerado. Como um respondente aponta “muitas das vezes a gente vai procurar referência fora do aglomerado mas aqui dentro tem tudo isso e é muito rico e a gente tem essa missão de resgatar mesmo”.

O processo de resgate da história da comunidade afeta, portanto, diversos aspectos simbólicos da vida dos moradores. O apreço dos respondentes por esse processo fica claro quando relatam, em detalhes, eventos da sua vida, como demonstram os relatos abaixo:

“Tinha um primo. Então ele arrumou um emprego pra mim na casa do chefe dele, capitão, e eu, e foi lá me buscar, aí eu vim pra aqui, trabalhei 3 meses, voltei lá na minha terra e trouxe 3 irmãos, um irmão e duas irmãs, e depois trabalhei mais 6 meses e trouxe a família toda, aluguei um barracão, busquei minha mãe com as crianças, paguei aluguel 8 meses e depois eu comprei um barracãozinho e fomo aumentando o barracão, construindo, era muita gente, a gente passou um apertozinho mas deu certo”

“Ah, a gente vê história, porque eu vim assim de um tempo que até pra comprar uma lata de óleo ou 1 kg de feijão você tinha que esperar na fila, você tinha que ficar na fila pra poder comprar, senão você ficava sem, então quando você vê esse pessoal aí lá na luta sempre dá uma lembrança pra gente, porque a gente passou comendo caldo de corante pra comer com pão duro, então foi uma época muito fechado”

O papel da memória é central para esse processo de recuperação da história e de construção identitária, como esclarece um respondente: “A memória que eu tenho na minha vida que não me deixa esquecer quem eu sou e de onde eu venho”. Segundo os relatos, a memória faz crescer, ela precisa ser mostrada pois fortalece o território. Contar a história da comunidade significa assumir voz ativa no processo, antes conduzido por outras pessoas “isso pra mim tem um significado enorme assim, porque o contar de nós mesmos, historicamente foi negado sabe, sempre tiveram outros que falaram por nós”.

Esse resgate da memória é muitas vezes apresentado como ponte entre gerações, permitindo a conexão com aqueles que já foram e levando aos mais novos conexão com suas origens e valores importantes:

“[..] pra uma geração entrar a outra tem que sair, mas pra entrar ela tem que saber da onde ela veio”

“É eu acho que sim, tem vó minha que eu queria conhecer, saber um pouco da história dela só que a gente não dá pra conhecer muito, aí quando tem livro, aí se tem uma pessoa que a gente conhece que tá no livro a gente pode saber um pouco, lembrar um pouco dessa pessoa também”

“poder mostrar as memórias de antigamente pra ele poder conhecer a raiz dele, poder conhecer mais de onde ele veio. Porque é muito importante não deixar as memórias apagar nem serem esquecidas”

“Foi importante, foi importante, e até hoje, outro dia as minhas neta pegou e viu, achou muito importante, aí é um pouco da história minha né, quando começou né, que foi muito difícil, foi muito difícil o começo nosso aqui, a pobreza era muita né, muito difícil, mas graças a deus agora não, agora tá bom”

O papel político da memória na construção da identidade está também presente na fala dos entrevistados:

“Olha, pra mim memória tem um papel político. Papel político no sentido assim, existe uma narrativa que é apagada, eu não sei quem foi a minha tataravó não sei direito quem foi a minha bisavó, não sei que por exemplo, a história dessa comunidade foi construída a base de muito sangue negro, das pessoas que trabalharam inclusive aqui na construção dessa cidade”

“Por que a história de quem é pobre é importante? Porque essa é a história que não é valorizada, é essa que por exemplo num livro didático eu não vou aprender, é essa que eu não vou encontrar na biblioteca do centro cultural da minha comunidade, se for contada não vai saber por quem é preto e acadêmico que morou nessa comunidade, isso aí já é um dos pontos assim. E por que que é importante falar não da história da Simone pessoal mas da história dessa comunidade? Exatamente pra que outras pessoas se reconheçam nela e se inspirem nela, é importante saber a história da Dona Hilda, da Dona Teresinha, da Dona Eva, a partir dessa perspectiva de luta uma vez que essas pessoas ou são vitimizadas ou são criminalizadas, então assim a gente precisa encontrar outras narrativas e pensar o que, quando se faz essa pergunta é pensar que as nossas narrativas estão em disputa, e a gente que tem que se apropriar pra que a gente comece a contar delas, criar espaços de troca, espaços de compartilhamentos”

De modo geral, os participantes relatam sensações positivas em relação a retomar sua memória e contar a sua própria história. Traz “orgulho, porque tá mostrando um pouco da cara, tipo assim da favela, periferia, pro povo ver como é que é, a família, que não é só aquilo que mostra na mídia” e alegria de que essa memória será mantida através dos tempos. E cria um ciclo importante de preservação e respeito à memória “me motiva a tá preservando e respeitando essa história e as pessoas que construíram ela lá no passado e que a gente hoje né, consequência do estudo a gente tá aproveitando né”.

**Dados sobre Inovação Cultural**

Todos os respondentes do questionário 2 informaram que seu contato com a história da Comunidade da Serra tem origem ou no Retratistas do Morro ou no Memórias da Vila. Convergindo com as narrativas dos moradores, os agentes do circuito cultural reforçam a importância do empoderamento originado a partir da apropriação da narrativa do território, chamando atenção para a realização deste “resgate cultural em abordagem nunca antes percebida e entendida”. Para outro respondente, “fica evidente que é necessário a construção de acervos de imagens populares para criar processos de estudo que gerem construção de outras histórias e narrativas que inclua as diversidades da população. Estas imagens históricas podem criar reflexos no presente, pois muitas vezes, podem deslocar ou contrapor as imagens produzidas e divulgadas pelos meios de comunicação que em geral criam um imaginário negativo sobre as periferias e por consequência de seus moradores”.

Sobre o processo artístico do Retratistas do Morro, os respondentes chamam atenção para:

“[que] esses fotógrafos possibilitavam que uma população de baixa renda tivesse acesso à fotografia em uma época pré-celular, em que a fotografia era cara.”

“A qualidade das imagens, a importância do conteúdo histórico e simbólico e a contribuição para a construção de um outro imaginário sobre as favelas e seus moradores.”

“A forma como o projeto traz os moradores até nós, tanto os antigos, como os novos, contando-nos suas histórias e dando rostos aos seus aos personagens. Dessa forma, nos conectamos ainda mais com os moradores da Serra e conseguimos enxergar neles e em suas histórias, as nossas próprias histórias, relembrando de coisas que vivenciamos, talvez em situações socioculturais diferentes, mas que mesmo assim não deixam de ser extremamente parecidos com os vividos pelos moradores do morro”.

“A qualidade técnica dos registros fotográficos me surpreenderam. Confesso que o fato de ficar surpreendida me fez refletir sobre o meu próprio olhar diante das possibilidades que podem transbordar de uma comunidade marginalizada pela sociedade”.

1. Conforme descrito no termo de consentimento assinado pelos participantes da pesquisa, todos os dados coletados permanecerão anônimos no decorrer da análise. [↑](#footnote-ref-1)
2. Esta pesquisa configura uma nova abordagem à metodologia desenvolvida pela PPP chamada *Relative Values*, que ocorreu entre Junho de 2017 e Maio de 2018 com 2 organizações brasileiras (Agência Redes para Juventude e Redes da Maré) e 2 organizações inglesas (Battersea Arts Centre e Contact Theatre). [↑](#footnote-ref-2)
3. DRAIBE, S. M. Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas. In: BARREIRA, M. C. R. N; CARVALHO, M. do C. B. de. (Orgs.) Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: IEE/PUC/SP, 2001. [↑](#footnote-ref-3)
4. É importante salientar que não se pretende, a partir da análise estatística sobre a amostra, fazer inferências sobre o universo total dos indivíduos participantes de cada projeto. A dinâmica de cada projeto e as relações que estabelecem com públicos e participantes restringem a mensuração do número total de participantes, consequentemente limitando a compreensão da representatividade da amostra. [↑](#footnote-ref-4)
5. HOLDEN, J. How we value arts and culture. In: **Sustaining Cultural Development**. Routledge, 2016. p. 39-50. [↑](#footnote-ref-5)
6. UNESCO. **Creative Economy Report**. 2013. [↑](#footnote-ref-6)
7. JANUZZI, P. **Indicadores sociais no Brasil**. Campinas: Alínea, 2001. [↑](#footnote-ref-7)
8. LACERDA, A. P. Democratização da cultura X democracia cultural: os pontos de cultura enquanto política cultural de formação de público. **Anais do seminário internacional. Políticas culturais: teoria e práxis**, p. 1-14, 2010. [↑](#footnote-ref-8)
9. LOPES, J. M. T. Da democratização da Cultura a um conceito e prática alternativos de Democracia Cultural. **Saber & Educar**, n. 14, 2009. [↑](#footnote-ref-9)
10. SOUZA, V. Cidadania Cultural: entre a democratização da cultura e a democracia cultural. **pragMATIZES** - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, Ano 8, número 14, semestral, out/2017 a mar/ 2018 [↑](#footnote-ref-10)
11. CROSSICK, G.; KASZYNSKA, P. **Understanding the value of arts and culture**. Swindon: Arts & Humanities Research Council, 2016. [↑](#footnote-ref-11)
12. Ibdem. [↑](#footnote-ref-12)
13. BARROS, J. N. Cultura, Memória e Identidade: contribuição ao debate**. Cad. hist**., Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 31-36, dez. 1999 [↑](#footnote-ref-13)
14. POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. [↑](#footnote-ref-14)
15. HAMPSHIR, K. R.; MATTHIJSSE, M. 2 Can arts projects improve young people’s wellbeing? A social capital approach. **Social Science & Medicine,** 71, p.708-716, 2010. [↑](#footnote-ref-15)
16. Para uma discussão aprofundada sobre a importância e benefícios da construção de redes sociais, ver: PORTELA, Marta; NEIRA, Isabel; DEL MAR SALINAS-JIMÉNEZ, Maria. Social capital and subjective wellbeing in Europe: A new approach on social capital. **Social Indicators Research**, v. 114, n. 2, p. 493-511, 2013. [↑](#footnote-ref-16)
17. Lopes (2009), grifos do original. [↑](#footnote-ref-17)
18. POLLICE, F. Traduzido por OLIVEIRA, A. G.; CRIONI, R.; OLIVEIRA, B. A. C. C. O papel da identidade territorial nos processos de desenvolvimento local. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, n. 27, p. 7-23, jan./jun. De 2010 [↑](#footnote-ref-18)
19. STERN, M. J.; SEIFERT, S. C. **Civic Engagement and the Arts**: Issues of Conceptualization and Measurement. Washington DC: Americans for the Arts, 2009. Disponível em: https://animatingdemocracy.org/sites/default/files/CE\_Arts\_SternSeifert.pdf. Acessos em julho de 2019. [↑](#footnote-ref-19)
20. Respondentes é o termo que utilizamos para nos referir aos participantes que responderam cada questionário [↑](#footnote-ref-20)
21. Reunidos por característica do questionário. [↑](#footnote-ref-21)
22. Trechos extraídos das respostas abertas dos participantes. [↑](#footnote-ref-22)
23. Os dados do questionário 2, referentes a entrevistas semiestruturadas realizadas junto a moradores da Comunidade da Boa Esperança, estão em fase final de tratamento e serão disponibilizados em breve. [↑](#footnote-ref-23)